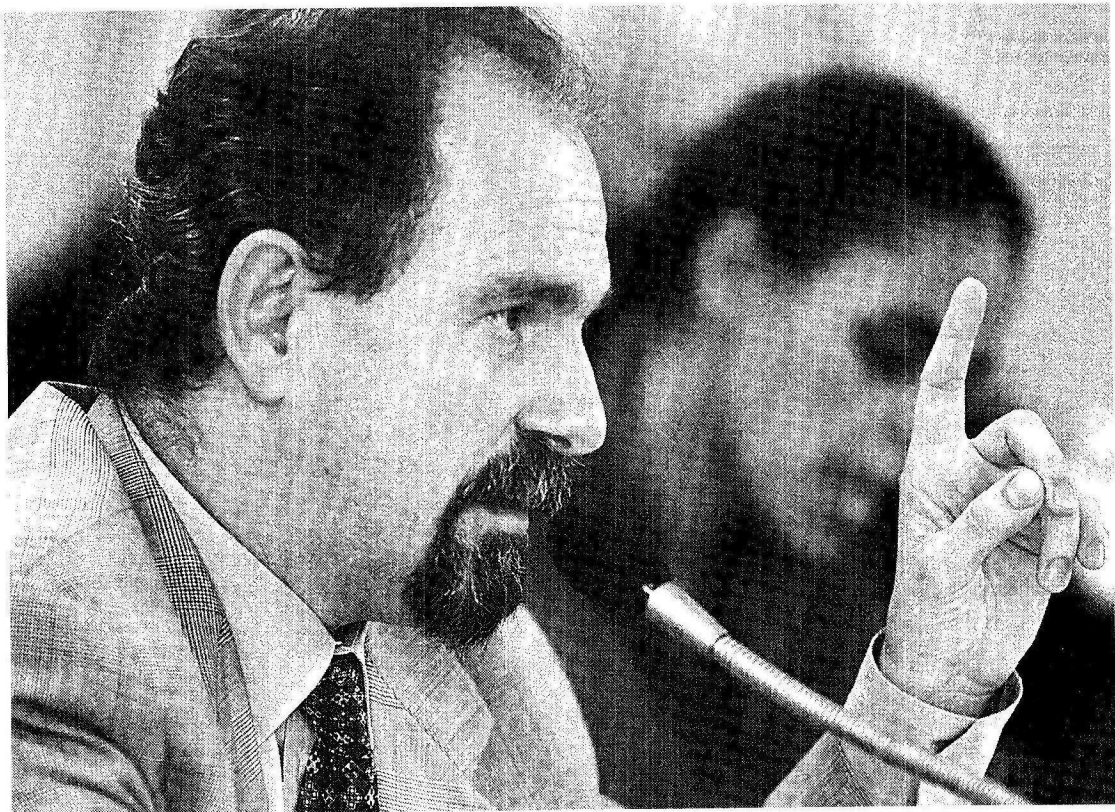




O senador José Eduardo Dutra (PT), que discutiu com Arruda sobre o voto aberto de oposicionistas

Voto aberto usado como defesa

BRASÍLIA – Em alguns momentos, o depoimento do senador José Roberto Arruda no Conselho de Ética transformou-se em debate sobre o voto secreto no Congresso. Arruda irritou os senadores dos partidos de oposição ao comparar a violação do painel eletrônico com a atitude dos parlamentares que mostraram as cédulas preenchidas na votação que elegeu Jader Barbalho (PMDB-PA) para a presidência do Senado. “Não há meio sigilo. Os dois casos tem a mesma gravidade”, afirmou Arruda. “É uma estratégia para desviar a investigação”, rebateu José Eduardo Dutra (PT-SE).

A eleição de Jader, em 14 de

fevereiro passado, seguiu o método tradicional, com cédulas de papel e urna. Nos corredores do Congresso corria o boato de que os senadores do bloco de oposição trairiam seu candidato, Jefferson Peres (PDT-AM). Para eliminar qualquer suspeita, oposicionistas combinaram que, ao sair da cabine de votação, mostrariam as cédulas abertas, com o nome de Peres assinalado. Um fotógrafo, colocado na galeria do Senado registrava a imagem.

Aconselhado por seus advogados, Arruda quer usar o caso para amenizar sua situação. Pretende igualar o caso à violação do painel eletrônico na votação em que se decidiu a cassação do mandato

do senador Luiz Estevão. Como não há clima político para cassar os oposicionistas que abriram os votos, Arruda acredita que pode ganhar perdão estabelecendo uma analogia entre as duas situações.

“A quebra de sigilo na eleição de Jader Barbalho foi grave porque aconteceu durante a votação e pode ter influenciado o resultado”, atacou Arruda. “No caso de Luiz Estevão, a lista só foi tirada depois que a votação terminou”, completou.

A oposição retrucou. “O voto é meu e mostro para quem em quiser”, disse o petista José Eduardo Dutra. “Violar o sigilo do voto de 81 senadores é um caso muito mais grave”.